

X Colóquio Antero de Quental 09 a 13 de setembro de 2013

Os Colóquios Antero de Quental tem suas origens num esforço de aproximação entre as filosofias brasileira e portuguesa, ainda durante a década de 1960, capitaneado pelos professores Miguel Reale e Braz Teixeira e que ganha continuidade a partir dos esforços dos professores Luis Washington Vita e Antônio Quadros e que resultaram na criação do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira. A institucionalização possibilitou desdobramentos importantes para a manutenção dessa colaboração, em particular, o convênio entre a Universidade Nova de Lisboa e a universidade Federal de São João del-Rei.

Esse estreitamento de laços e a intensificação das colaborações refletem-se na organização de uma sistemática de Colóquios que se realizam alternadamente no Brasil e em Portugal. A versão brasileira foi denominada Colóquio Antero de Quental e a versão portuguesa, Colóquio Tobias Barreto. A versão brasileira, o Colóquio Antero de Quental, vem sendo organizada desde 1991 e comemora agora em 2013 a sua décima edição. Da sua primeira edição à sexta, ocorrida em 1999, o Colóquio foi itinerante e sempre contou com módulos distribuídos entre instituições do nordeste e do sudeste. A partir de 2006, com o estreitamento das relações entre a UFSJ e as instituições portuguesas, o Colóquio passou a ser realizado na cidade de São João del-Rei. A partir da sétima edição, em que se buscou realizar uma síntese do longo período de diálogos e colaboração e de esforços de aproximação, observa-se a definição de uma linha precisa de investigação em torno da história do pensamento ético e político em Portugal e no Brasil.

Um dos objetivos gerais do X Colóquio Antero de Quental é dar prosseguimento ao confronto entre o pensamento elaborado nos dois países particularmente no campo da ética. A proposta parte de uma delimitação do debate ético moderno em torno de quatro eixos: as teorias individualistas-consensualistas modernas, as teorias centradas na idéia de dignidade humana, a antropologia filosófica em busca da compreensão da pessoa e a proposta de um realismo moral, de origem weberiana, por oposição a um universalismo.

Inserido nesse quadro mais geral, o colóquio deverá perseguir a confrontação das visões brasileiras e portuguesas, já considerando algumas das conclusões do IX Colóquio, especificamente: a recusa de uma discussão moral fora de uma base religiosa; uma oscilação, no período da contra-reforma, entre tentativas de diálogo com a modernidade no sentido de uma incorporação de elementos tanto da moral quanto das ciências modernas à moral tradicional, bem como, um recuo em favor da preservação do modelo da moral tradicional; recuo este mais

prolongado no Brasil onde se volta para a condenação da riqueza, que em Portugal; finalmente, a constatação de que até a crise do espiritualismo prevaleceu uma visão moral eclética e conectada a um idealismo jurídico

Considerados esses contornos do debate moral nos séculos XVIII e XIX, é o momento de lançar um olhar mais detalhado sobre o final do século XIX e sobre o contexto brasileiro. Aqui o debate poderia ser recuperado desde o século XIX, a partir de Silvestre Pinheiro Ferreira e José da Silva Lisboa e os 40 anos que se seguiram. Período em que se destacam: uma construção específica, denominada ecletismo, mas também outras propostas, desde as que recebem influência mais direta da moral positivista até as que perseguem uma aproximação entre moral católica e moral positivista.

A proposta dos organizadores, busca contemplar o exame do período situado entre o final do século XIX e o século XX. As sugestões são: 1) final do século XIX - A moral positivista (Pereira Barreto, Otto de Alencar, Amoroso Costa, Sílvio Romero e Teófilo Braga); 2) as novas éticas idealistas e espiritualistas (F. Deusdado, Sampaio Bruno, Farias Brito, Leonardo Coimbra e António Sérgio); 3) éticas neopositivista e neo-utilitarista (Ed. Curvelo; Sottomayor Córdia e Leônidas Hegenberg); 4) teorias da experiência ética (Renato Czerna e Antônio Paim); 5) ética fenomenológica e culturalista (Eduardo Abranches de Soveral e Miguel Reale); 6) a crítica ao culturalismo - a ética negativa (Júlio Cabrera); 7) ética existencial (Vicente Ferreira da Silva e Luís Araújo); 8) ética neo-tomista (Lúcio Craveiro da Silva, Roque Cabral, Urbano Zilles e João de Scantimburgo); 9) éticas dialéticas (Henrique Cláudio de Lima Vaz e Antônio José de Brito); 10) crítica ao desenvolvimentismo (Mário Vieira de Mello).

Os temas lançados como desafios para a reflexão e discussão obedecem a uma periodização que destaca quatro momentos: entre os séculos XVI e XVIII, enfatiza de um lado o debate ético feito no momento da contrarreforma e de outro, no período pombalino, o esboço de uma proposta científicista. No início do século XIX, merece destaque a recepção e a influência das teses liberais. Em meados do mesmo século, merece destaque o movimento em direção das éticas espiritualistas e outro em direção a éticas espiritualistas, mas já com um caráter historicista. No final do século XIX, o tema seria a emergência do movimento em torno de uma moral positivista.

Vemos então, claramente, um genuíno esforço de sistematização e de exame crítico dos percursos e percalços do pensamento moral no Brasil e em Portugal. Os Colóquios têm contribuído para o estabelecimento de uma periodização rigorosa e bem fundamentada. Ao perseguir o desafio de realizar o confronto das perspectivas, o colóquio concomitantemente vem estabelecendo os marcos referenciais para se pensar esse percurso. Nesse sentido, os organizadores realizam um trabalho que possui um caráter fundante e que merece reconhecimento.

Prof. Dr. Rogério Antônio Picoli
(UFSJ – São João del-Rei – MG – Brasil)
rogerpicoli@hotmail.com